

MIGRAÇÃO DE TRABALHADORES NA LAVOURA CANAVIEIRA PAULISTA: UMA INVESTIGAÇÃO DOS IMPACTOS SÓCIO-ECONÔMICOS NAS CIDADES DE PEDRA BRANCA, ESTADO DO CEARÁ, E DE LEME, ESTADO DE SÃO PAULO¹

Márcia Azanha Ferraz Dias de Moraes²
Margarida Garcia de Figueiredo³
Fabiola Cristina Ribeiro de Oliveira⁴

RESUMO: Milhares de trabalhadores oriundos das regiões mais pobres do Brasil migram para o Estado de São Paulo para trabalhar no corte manual da cana-de-açúcar. Os objetivos deste estudo são: analisar os principais motivos da migração; investigar qual é o impacto da migração nas cidades de destino e de origem e qual é a percepção dos trabalhadores sobre a mecanização da colheita. Adotou-se como metodologia uma pesquisa de campo dividida em três fases: aplicação de questionários para empregados migrantes na cidade de Leme, Estado de São Paulo; entrevistas com representantes de órgãos públicos e privados de Leme e também de Pedra Branca, Estado do Ceará. Os resultados indicam que grande proporção de cortadores de cana de baixa escolaridade continuará migrando em busca de melhores condições de vida. Ressalta-se a necessidade de políticas públicas nas regiões de origem desses trabalhadores, de forma a criar oportunidades de emprego e atenuar os impactos negativos decorrentes da redução da contratação no corte manual da cana-de-açúcar.

Palavras-chave: migração, corte de cana, mecanização.

SUGAR CANE LABOR MIGRATION TO THE STATE OF SAO PAULO: A STUDY INTO ITS SOCIAL AND ECONOMIC IMPACT ON THE CITIES OF PEDRA BRANCA, STATE OF CEARA, AND LEME, STATE OF SAO PAULO

ABSTRACT: Year after year, thousands of workers from Brazil's poorest regions migrate to the state of Sao Paulo to meet the demand for labor manual sugar cane harvesting. This article has a threefold objective: to develop a greater understanding of the factors that contribute to this migratory process; to evaluate the impact of the migration on the origin and destination cities, and to assess workers' perception of the increased mechanization in sugarcane harvesting. A field research was adopted as methodology, divided into three phases: construction and administration of questionnaires to manual sugar cane harvesters in the city of Leme, state of Sao Paulo, and conduction of interviews with representatives of public and private sector entities from both Leme and Pedra Branca state of Ceara. Results indicate that a large portion of sugar cane harvesters with low schooling level will continue to migrate to look for better conditions of life. The study indicates a need for public policies to create opportunities in the migrants' regions of origin to minimize the negative impacts of job reduction in sugarcane harvesting.

Key-words: migration, sugar cane manual harvest, mechanization.

JEL Classification: J43, J61.

¹Registrado no CCTC, REA 12/2009.

²Engenheira Mecânica, Professora Doutora do Departamento de Economia, Administração e Sociologia ESALQ/USP, Coordenadora do Grupo de Extensão em Mercado de Trabalho Agrícola (GEMT), Piracicaba, SP, Brasil (e-mail: mafdmora@esalq.usp.br).

³Engenheira Agrônoma, Professora Doutora da Universidade Federal Mato Grosso (UFMT), Pesquisadora do Grupo de Extensão em Mercado de Trabalho Agrícola (GEMT), Cuiabá, MT, Brasil (e-mail: margaridagf@cpd.ufmt.br).

⁴Economista, Mestre, Pesquisadora do Grupo de Extensão em Mercado de Trabalho Agrícola (GEMT), Piracicaba, SP, Brasil (e-mail: fbcoliveira@hotmail.com).

1 - INTRODUÇÃO

Todos os anos, milhares de trabalhadores migrantes são contratados para o corte manual da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo, sendo que muitos deles vêm por conta própria de suas regiões de origem. Porém, em virtude da legislação que prevê a extinção da queima da cana-de-açúcar e consequente aumento da mecanização na colheita, grande parte desta mão-de-obra estará sem emprego no corte da cana-de-açúcar, num futuro próximo.

Diante deste cenário, uma questão relevante refere-se à grande proporção de trabalhadores migrantes, os quais, em sua grande maioria, além da baixa escolaridade, não têm qualificação para trabalhar em outras ocupações, dificultando a recolocação no mercado de trabalho, incluindo a colheita mecanizada.

Considerando-se a falta de oportunidade e a pobreza nas regiões de origem, surge uma preocupação em relação ao futuro destes trabalhadores neste novo cenário: eles continuarão saindo das suas regiões e vindo para o Estado de São Paulo, mesmo sabendo que as usinas não contratarão trabalhadores para o corte da cana? Uma vez que isto de fato aconteça, seria necessário conhecer quais os possíveis impactos econômicos e sociais decorrentes da presença destes trabalhadores nas cidades de destino. E quais serão os impactos nas regiões de origem? Há conscientização do problema e existência de políticas públicas de forma a absorver este contingente de mão-de-obra nas cidades de origem?

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo central analisar a dinâmica da migração dos trabalhadores da cana-de-açúcar para o Estado de São Paulo, questão relevante quando se considera o cronograma de extinção da queima e consequente redução da demanda por trabalhadores do corte manual.

2 - METODOLOGIA

As cidades escolhidas como focos de estudo foram Leme, no Estado de São Paulo, e Pedra Bran-

ca, no Ceará. A primeira pelo fato de ser conhecida como "cidade dormitório", uma vez que grande parte destes trabalhadores migrantes mora em Leme, mesmo trabalhando nas cidades vizinhas. E Pedra Branca por ser a cidade de origem de muitos dos migrantes que chegam a Leme para trabalharem no corte da cana-de-açúcar.

Com o intuito de verificar se a presença destes migrantes na cidade dormitório é vista de maneira positiva ou negativa por parte dos cidadãos de Leme (SP), foi avaliada a percepção dos mesmos sobre os impactos destes trabalhadores com relação aos aspectos sócio-econômicos. Da mesma forma, avaliou-se a percepção de cidadãos de Pedra Branca (CE) sobre a importância da renda gerada pelo corte da cana e sobre os impactos prováveis da mecanização da colheita em São Paulo. E com o intuito de verificar como os cortadores de cana-de-açúcar migrantes avaliam o aumento da mecanização em São Paulo, foram aplicados questionários a 88 empregados que estavam trabalhando no corte da cana-de-açúcar na região de Leme.

A avaliação do impacto dos trabalhadores migrantes relativos aos aspectos sócio-econômicos do município de Leme foi feita mediante entrevistas, realizadas entre os meses de outubro e novembro de 2007, para identificar a percepção de representantes da sociedade civil sobre o tema. Foram entrevistados comerciantes locais, os representantes da Associação Comercial de Leme (ACIL), os secretários da Agricultura e da Saúde Pública, o delegado de polícia e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Outra etapa do estudo consistiu na aplicação de questionários aos trabalhadores migrantes com o intuito de entender os principais motivos que os levaram à migração e as expectativas dos mesmos com relação a continuarem migrando ou não, quando ocorrer a mecanização e proibição da queima da cana-de-açúcar. Foram aplicados 88 questionários para trabalhadores migrantes, no mês de novembro de 2007.

Finalmente, em fevereiro de 2008 realizou-se uma visita à Pedra Branca, município localizado no interior do Estado do Ceará conhecido como uma das principais origens de mão-de-obra para o corte

da cana-de-açúcar para a região de Leme. O objetivo da visita foi conhecer uma região de origem de trabalhadores migrantes e entrevistar agentes do setor público e privado para identificar a importância para a região da renda gerada no corte da cana em São Paulo.

3 - A QUESTÃO DA MIGRAÇÃO

Sabe-se que os movimentos migratórios de indivíduos e grupos são parte da história da humanidade e estão cada vez mais presentes nas sociedades contemporâneas. Castells (2000) considera tais sociedades como em rede ou de fluxos, as quais supõem movimentos migratórios como tema constituinte dos dilemas contemporâneos.

De acordo com Ramos e Araújo (1999), em um contexto em que o desafio é estabelecer as variáveis que determinam a realocação de trabalho, na transição de uma sociedade “arcaica” (cuja principal atividade é a agrícola) para uma economia “moderna” (caracterizada pelas atividades urbano-industriais), o fluxo migratório deveria ser uma “variável endógena” nos modelos de crescimento, identificando assim os fatores que o induzem. Os mesmos autores afirmam que os principais expoentes dos modelos dualistas, a exemplo de Lewis; Ranis; Fei; Jorgenson (apud RAMOS; ARAÚJO, 1999), consideravam que fluxos migratórios eram determinados pelo diferencial entre salários, de modo que tais fluxos seriam direcionados dos setores ou áreas mais “arcaicos” para os ramos de atividade ou regiões com um maior desenvolvimento relativo.

Particularmente no caso do Brasil, Sahota (1968), ao realizar um estudo pioneiro, mesmo incluindo outras variáveis tais como distância, educação, crescimento da renda e emprego, urbanização etc. concluiu que a migração interna é altamente influenciada pelos diferenciais de salário entre as regiões de origem e destino. Ferreira (1996) também identificou o diferencial entre as rendas como variável explicativa dos fluxos migratórios no Brasil, embora tenha considerado ainda outras variáveis, tais

como disponibilidade de terras e taxas de variação das rendas estaduais.

Entretanto, os argumentos teóricos que explicam os fluxos migratórios através do diferencial de rendas *per capita* caracterizam-se por certa fragilidade na sua consistência interna. De acordo com Ramos e Araújo (1999), se o migrante realiza sua escolha tendo como referência esse diferencial e supondo que os agentes sejam uniformes e exista perfeita mobilidade, toda a população das áreas de menores rendimentos deveria transferir-se para regiões com maior desenvolvimento relativo.

Nesse sentido, o modelo de Harris e Todaro (1970) foi um importante avanço na teoria do desenvolvimento pelo fato de estes autores considerarem que o fluxo migratório deveria ser visto como um processo que tende ao equilíbrio, sendo que a decisão de migrar, de um ponto de vista exclusivamente econômico, deve levar em consideração não somente o diferencial de rendimentos, mas também o valor esperado dos mesmos. Neste caso, cada indivíduo maximizaria uma função de utilidade intertemporal em um contexto de risco em que o fator relevante seria o valor presente do fluxo de rendimentos, tendo como horizonte uma dada expectativa de vida. O diferencial de rendimentos deveria estar ponderado pelo risco, ou seja, deveria ser a expectativa do valor presente. O risco seria dado pela probabilidade de encontrar emprego na região com maior desenvolvimento relativo e/ou mais dinâmica podendo, por outro lado, ser dado pela taxa de desemprego: quanto maior (menor) esta, menor (maior) deveria ser a probabilidade de encontrar emprego.

Porém, Ramos e Araújo (1999) afirmam que, apesar da popularidade do modelo de Harris e Todaro (1970), até o presente momento a taxa de desemprego ainda não havia sido utilizada nos estudos referentes aos fluxos migratórios no Brasil. Por este motivo, em seus estudos, objetivaram identificar os fatores determinantes dos fluxos migratórios (ou a realocação espacial da mão-de-obra) entre as unidades da Federação no Brasil, utilizando-se para tanto o modelo de Harris e Todaro (1970). Os resultados sugeriram que a introdução da taxa de desemprego,

juntamente à renda, parece relevante na explicação dos deslocamentos populacionais no Brasil. Os resultados obtidos podem ajudar ainda a entender como, em espaço geográfico onde impera a livre circulação de trabalho, possam conviver significativas diferenças nas taxas de desemprego e renda *per capita*.

A partir da metade do século XX, os principais fluxos migratórios no Brasil são feitos pelos nordestinos que se dirigem para o sudeste, centro-oeste e norte do País. Isto se deve à forte desigualdade social da região nordeste, que é consequência do clima seco e do solo pouco produtivo dos sertões associados à má distribuição de terras e de renda. As regiões sul e sudeste do Brasil, por sua vez, são bem desenvolvidas industrialmente e com mercado crescente e, portanto, têm sido visadas cada vez mais pelas correntes migratórias devido também à expansão das fronteiras agrícolas, à abertura de garimpos, às obras (como usinas hidrelétricas e rodovias) e, nas últimas décadas, devido à expansão do setor sucroalcooleiro, o qual tem contratado diversos trabalhadores migrantes para o corte da cana-de-açúcar durante a safra.

Segundo Menezes e Saturnino (2007), a região nordeste tem sido historicamente marcada por migrações intra e inter-regionais. No período entre 1950 e 1970, houve crescimento da migração inter-regional a partir da região nordeste em que os principais destinos eram as regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Após a fase caracterizada como “milagre econômico”, a economia brasileira foi marcada por períodos contínuos de crise econômica, afetando as condições de emprego e interferindo nas tendências das migrações. Diferentemente das décadas anteriores, estudos apontam que as migrações, a partir da década de 1970, têm sido caracterizadas pela ocorrência de movimentos múltiplos em que os grupos de migrantes passaram a ter menores possibilidades de fixação nas cidades ou de adquirir alguma poupança para investir em seu espaço de origem. Os autores afirmam que isto contribuiu para intensificar as migrações temporárias e a chamada “migração de retorno”. As migrações internas no Brasil apresentam, portanto, várias tendências, entre elas a ocorrência de

“migrações múltiplas”, também chamadas “migrações repetidas”, as quais têm predominado desde a década de 1970, sendo a migração de retorno uma de suas expressões.

Deve-se ressaltar que a reestruturação do setor sucroalcooleiro no interior paulista favoreceu um redirecionamento das correntes migratórias dos Estados do nordeste. Além da clássica migração para as regiões metropolitanas, as migrações sazonais para a região canavieira de São Paulo começaram a ter visibilidade e a ganhar importância.

Segundo Alves (2007), no início da década de 1970 a implantação de programas, tais como os Programas de Racionalização e Apoio da Agroindústria Açucareira (1971/72), do Planalsucar e do Programa Nacional do Alcool - PROÁLCOOL (1975), deu suporte ao processo de expansão, modernização, concentração e centralização da produção do açúcar e do álcool no Brasil. Diante deste cenário, a maior necessidade de matéria-prima das usinas foi suprida pela expansão dos canais, o que atraiu trabalhadores de outras regiões para trabalhar na safra em São Paulo.

Na época, os trabalhadores migrantes vinham para São Paulo trabalhar como assalariados, durante a safra, e voltavam para a cidade de origem para trabalhar na agricultura familiar de subsistência, durante a entressafra. Devido às dificuldades de se manterem com suas roças de subsistência, muitos trabalhadores acabavam se estabelecendo em São Paulo, juntamente com a família, passando a ser referência para outros migrantes que chegavam e partiam (ALVES, 2007).

A expansão das atividades da agroindústria canavieira nos anos recentes, em decorrência das perspectivas futuras da expansão do mercado internacional do álcool, torna o processo atual, segundo Alves (2007), semelhante à fase áurea do Proálcool das décadas de 1970 e 1980, tanto pelo fato de o produto principal do processo de expansão ser o álcool, quanto pela necessidade de migração de trabalhadores vindos de regiões distantes de São Paulo, tais como Maranhão, Piauí e outros Estados do nordeste.

Contudo, ressalta-se que o uso dos trabalhadores migrantes no corte manual é uma situação que

tende a ser revertida no Estado de São Paulo, principal Estado produtor de cana-de-açúcar, em decorrência da mecanização da colheita.

As mudanças no padrão tecnológico ocorridas nos últimos anos na lavoura canavieira, que contribuíram para o aumento do período de safra, cooperaram para modificar as dinâmicas das migrações sazonais dos trabalhadores para a safra da cana. Nos últimos anos, os trabalhadores têm ficado um tempo maior na cidade de destino, sendo que alguns trazem as famílias para morar no Estado de São Paulo, outros trazem apenas para passar uma temporada, alguns trazem somente a esposa e deixam os filhos com algum parente, alguns trazem a família toda e existem ainda aqueles que conhecem a esposa na cidade de destino e acabam constituindo família no próprio Estado de São Paulo.

O trabalho no corte da cana-de-açúcar no Estado de São Paulo complementa a renda de pequenos agricultores das regiões mais pobres do Brasil, especialmente no nordeste.

Alves (2007) relata que significativas parcelas de trabalhadores migrantes acreditam que, para a melhora de suas condições de vida, deveriam ocorrer mudanças simultâneas nas diferentes regiões do país. É preciso que as possibilidades de inserção produtiva cresçam e se diversifiquem no nordeste, para que as migrações possam ser resultado de escolhas cada vez menos compulsórias.

A despeito do grande número de trabalhadores migrantes empregados no corte da cana-de-açúcar em São Paulo, de acordo com Silva (2007), a partir de meados dos anos de 1980, quando as usinas começaram a utilizar máquinas para a atividade do corte da cana-de-açúcar, vem ocorrendo redução das contratações de trabalhadores rurais, especialmente dos migrantes temporários.

Moraes (2007) relata que a mecanização da colheita altera o perfil do empregado e cria oportunidades para tratoristas, motoristas, mecânicos, condutores de colhedoras, técnicos em eletrônica, dentre outros, e reduz, em maior proporção⁵, a demanda

dos empregados de baixa escolaridade, expulsando-os da atividade. Segundo a autora, as estimativas da União da Agroindústria Canavieira (UNICA), num cenário de colheita totalmente mecanizada na safra 2020/21 no Estado de São Paulo, demonstram que o número de empregados envolvidos com a produção de cana-de-açúcar, açúcar e álcool passarão de 260,4 mil para 146,1 mil entre as safras de 2006/07 e 2020/21, ou seja, haverá uma redução de 114 mil empregos neste período. Ressalta-se que na indústria espera-se um aumento de 20 mil empregados, enquanto na lavoura canavieira o número passará de 205,1 mil empregados para 70,8 mil, ou seja, uma queda de 134,3 mil.

Diante do exposto, torna-se relevante entender as consequências do processo de mecanização sobre o emprego do cortador de cana, pois se trata de mão-de-obra de baixa escolaridade que terá dificuldade de se alocar em outro tipo de atividade no Estado de São Paulo.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 - Indicadores Sócio-econômicos de Pedra Branca (CE) e de Leme (SP)

Nesta seção, comparam-se os indicadores sócio-econômicos da cidade de destino dos migrantes, Leme (SP), com o município de origem, Pedra Branca (CE). Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do município de Leme, em 2004, era de 87.192 habitantes e o PIB *per capita* de R\$7.500, enquanto a população do município de origem considerado no estudo, Pedra Branca, era 41.738 habitantes. Com relação ao valor de PIB *per capita*, este era de R\$2.839 em Pedra Branca, ou seja, aproximadamente 62,1% menor que o da cidade de Leme, o que indica haver um atrativo para a migração em direção a uma cidade de renda mais alta.

A tabela 1 mostra a participação dos setores de Agropecuária, Indústria e Serviços no Produto Interno Bruto (PIB), bem como os valores do PIB total

⁵Uma colhedora substitui cerca de 80 cortadores de cana.

de cada cidade. Verifica-se que na cidade de origem dos trabalhadores o setor de serviços é mais representativo no PIB do que os setores produtivos. Uma hipótese para a participação do setor de serviços ser mais importante, em relação aos demais setores, seria relacionada aos empregos públicos que, algumas vezes, são importantes fontes de trabalho nas regiões mais pobres.

Tabela 1 - Participação de cada Setor no PIB dos Dois Municípios Considerados no Estudo, 2004
(em %)

Componente	Leme (SP)	Pedra Branca (CE)
Agropecuária	20,3	13,0
Indústria	29,3	16,6
Serviço	49,0	70,3
PIB (R\$ 1.000)	653.685	83.421

Fonte: IBGE (2007a).

No que diz respeito às atividades agrícolas, o valor total da produção em Leme deste setor, no ano de 2005, foi de, aproximadamente, R\$94 milhões, e a principal cultura produzida nesta cidade era a cana-de-açúcar, representando 51% do valor da produção agrícola e 50% da área cultivada no município. A cultura da laranja vinha em segundo lugar, representando 18% do valor desta produção e 9% da área cultivada no município (Tabela 2).

Tabela 2 - Participação de cada Cultura sobre o Valor da Produção e a Área Cultivada no Município de Leme, Estado de São Paulo, 2005
(em %)

Atividade	Valor da produção	Área cultivada
Laranja	17,7	9,0
Cana-de-açúcar	50,7	49,8
Milho	13,4	22,3
Outras	18,3	19,0
Valor total	94.136	34.631

Fonte: Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2007b).

Em Pedra Branca, o valor da produção agrícola é em torno de dez vezes menor (R\$9 milhões), sendo que o milho representa, aproximadamente, 50% do valor desta produção e 65% da área cultivada. A cana-de-açúcar, por sua vez, representa 3% do valor da produção agrícola e 0,73% da área cultivada com agricultura, no município (Tabela 3).

Tabela 2 - Participação de cada Cultura sobre o Valor da Produção e a Área Cultivada no Município de Pedra Branca, Estado do Ceará, 2005
(em %)

Atividade	Valor da produção	Área cultivada
Cana-de-açúcar	3,3	0,7
Feijão	36,4	27,6
Mamona	5,6	4,7
Milho	49,9	65,0
Outras	4,9	1,9
Valor total	9.164	21.965

Fonte: Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2007b).

Nota-se, portanto, que além da diferença de renda entre as regiões, que explica o fenômeno da migração, a importância da lavoura da cana-de-açúcar na região de Leme sinaliza para os migrantes a existência de empregos agrícolas no corte manual da cana-de-açúcar que, até a introdução da colheita mecanizada, absorvia importante contingente de mão-de-obra de baixa escolaridade.

A participação de cada categoria de veículos sobre a frota existente também reflete diferença entre as cidades.

Verifica-se, pela tabela 4, que, em Leme, do total de aproximadamente 31 mil veículos, a categoria predominante são os automóveis (60%), enquanto em Pedra Branca observa-se o predomínio de motocicletas (71%).

Tabela 4 - Participação de cada Categoria de Veículo sobre a Frota Existente em cada Município, 2006

(em %)		
Categoria de veículo	Leme	Pedra Branca
Automóvel	60	14
Caminhão	6	4
Caminhão trator	1	0
Caminhonete	4	4
Micro-ônibus	0	0
Motocicleta	22	71
Motoneta	5	5
Ônibus	1	0
Total (em n.)	31.253	3.502

Fonte: IBGE (2007a).

4.2 - Análise dos Dados Sócio-econômicos dos Cortadores de Cana-de-açúcar

Uma das usinas localizadas na região de Leme permitiu a aplicação dos questionários aos cortadores de cana contratados por ela e forneceu uma lista com o nome de cada trabalhador, seguido de sua respectiva cidade natal, possibilitando a identificação das principais regiões de origem dos migrantes empregados no corte da cana-de-açúcar. Forneceu ainda uma relação dos trabalhadores que já fixaram residência em Leme, bem como dos que vêm para São Paulo na safra e voltam para a cidade de origem na entressafra.

Verifica-se que, dentre os 411 trabalhadores migrantes empregados no corte da cana desta usina, 37% já fixaram residência em Leme e 63% continuam migrando todos os anos entre a cidade de origem e a cidade dormitório. O fato de parte destes trabalhadores já ter fixado residência em Leme aumenta a probabilidade dos mesmos permanecerem na cidade, mesmo num cenário de falta de emprego no corte da cana-de-açúcar, o que pode representar um problema social se não houver ocupação em outras atividades.

Dentre os 411 empregados da referida usina, 38% vieram do Estado do Ceará (CE), 20% de Pernambuco (PE), 18% da Paraíba (PB), 9% da Bahia (BA) e os demais 15% de outras regiões do Brasil. Ao

considerar todos os Estados conjuntamente, as três principais cidades de origem dos trabalhadores foram Princesa Isabel (PB), Pedra Branca (CE) e Triunfo (PE), representando 16%, 15% e 12% dos trabalhadores migrantes, respectivamente.

4.2.1 - Aplicação dos questionários

Foram entrevistados, por meio de questionários, 88 trabalhadores migrantes que exercem suas atividades na referida usina e que representam 21% dos cortadores de cana. Dentre eles, 19% vieram para o Estado de São Paulo junto com familiares ou amigos e 81% vieram por conta própria.

No que se refere ao número de vezes que já vieram para o corte da cana-de-açúcar, observou-se que 14% deles estavam trabalhando pela primeira vez na safra de cana, 11% pela segunda vez, 16% pela terceira vez e os demais 59% já haviam trabalhado em mais de três safras. Todos eles foram contratados para trabalhar em uma safra, ou seja, com um contrato de sete a oito meses. Dentre os que já trabalharam em mais de uma safra, 46% já fixaram residência em Leme e 54% continuam indo e voltando para a cidade de origem, todos os anos.

A faixa etária média dos trabalhadores migrantes nesta usina é de 30 anos de idade, sendo que 22% deles têm entre 19 e 24 anos, 26% entre 24 e 29 anos, 19% entre 29 e 34 anos, 17% entre 34 e 39 anos, 10% entre 39 e 44 anos e os demais 5% têm mais de 44 anos.

Com relação à educação, a figura 1 ilustra os níveis de escolaridade predominantes entre estes trabalhadores migrantes. Verifica-se que 17% deles nunca frequentaram a escola, 6% frequentaram até a primeira série, 14% até a segunda série, 13% até a terceira série, 15% até a quarta série, 10% até a quinta série, 9% até a sexta série, 6% até a sétima série e 11% até a oitava série ou mais. Nota-se a predominância de baixos níveis de escolaridade, especialmente dos que nunca frequentaram a escola. Considerando os trabalhadores com até três anos de estudo, observa-se que estes perfazem aproximadamente 50% do total.

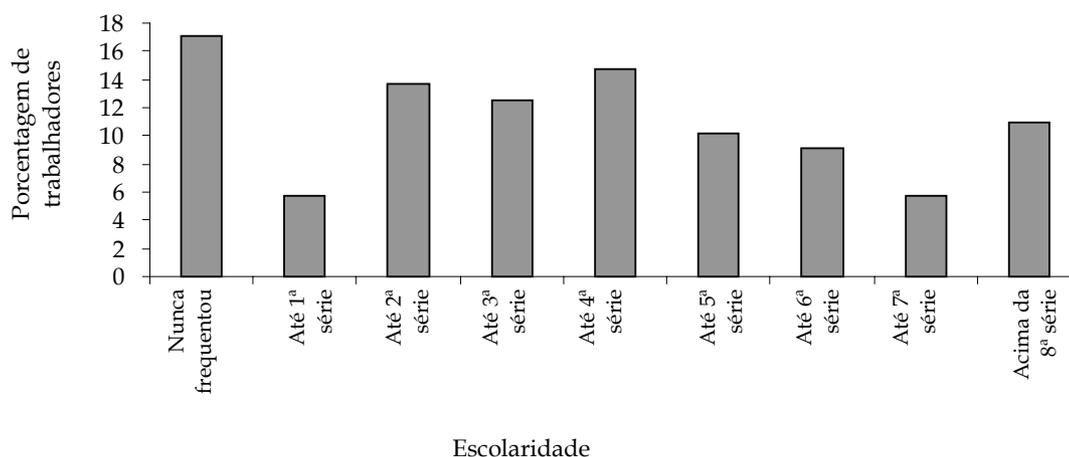


Figura 1 - Participação Percentual de Trabalhadores por Nível de Escolaridade, Leme, Estado de São Paulo, 2007.

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação às condições de vida na cidade de origem, 77% responderam que viviam na zona rural e 39% dos 88 cortadores de cana não tinham casa própria. O número médio de cômodos nas casas é cinco, sendo que 13% viviam em casas com até três cômodos, 30% em casas de quatro cômodos, 20% em casas de cinco cômodos e 37% em casas de seis ou mais cômodos.

O número médio de moradores por casa é de cinco pessoas, sendo que 55% desses trabalhadores viviam com mais de cinco pessoas na mesma casa.

Com relação às condições das casas na cidade de origem, 47% deles alegaram ter o banheiro dentro de casa, 47% fora de casa e 6% mencionaram não ter banheiro. Sobre o saneamento básico, 61% afirmaram ter a fossa como instrumento de escoamento sanitário, 17% informaram ter a rede coletora de esgotos e 22% disseram não ter instrumentos de esgotamento sanitário disponíveis.

Quanto às condições de abastecimento de água, 18% deles tinham o abastecimento proveniente de açude, 41% de água encanada, 1% à base de cisterna e os demais 40% via poço.

No que diz respeito ao mercado de trabalho na cidade de origem, 51% dos entrevistados alegaram que não tinham emprego em sua cidade. Dentre os 49% que tinham emprego, apenas 7% tinham

carteira assinada, indicando alto índice de informalidade dos empregados entrevistados na cidade de Pedra Branca.

A maioria deles (38%) alegou a falta de emprego na cidade de origem como principal motivo da vinda para São Paulo, 26% a tentativa de melhorar as condições de vida, 23% ambos os motivos, 3% a sugestão de outro trabalhador e os demais alegaram outros motivos, ou os três motivos conjuntamente (sugestão de outro, falta de emprego e melhoria da condição de vida).

Quando termina a safra de cana, 30% deles continuam trabalhando na lavoura da cana (no plantio), 54% voltam para a cidade de origem, 7% trabalham em outra lavoura, 9% trabalham em outras atividades (fazem "bicos") e os demais não responderam, pois era a primeira vez que vinham para São Paulo e não tinham decidido ainda o que fariam ao término da safra.

Com relação aos dados sobre a família dos entrevistados, 47% deles estão com a esposa em Leme e, dentre estes, 61% as trouxeram da cidade de origem; 39% as conheceram em Leme.

Ao perguntar para aqueles que já fixaram residência em Leme o que pretendem fazer quando a colheita for totalmente mecanizada, 54% responderam que continuarão no Estado de São Paulo, 43%

voltarão para a cidade de origem e 3% não souberam responder. No caso dos que ainda não fixaram residência em Leme, 38% responderam que continuarão vindo (mesmo após a mecanização), já que as oportunidades de emprego na região de origem são escassas, 53% não voltarão mais e 9% não souberam responder.

A média salarial dos cortadores de cana é de R\$850,00, sendo que: 31% deles recebem entre R\$700,00 e R\$800,00; 17% entre R\$800,00 e R\$900,00; 18% entre R\$900,00 e R\$1.000,00; a minoria recebe abaixo de R\$600,00 ou acima de R\$1.000,00 (Figura 2).

Quanto à proporção do salário que os migrantes gastam em Leme, a maioria deles (37%) gasta 100%; 13% gastam de 20% a 30%; 12% gastam de 30% a 40%; 17% gastam de 40% a 50% e a minoria gasta de 50% a 80%. Nota-se que, de modo geral, ou eles gastam tudo em Leme, ou despendem apenas uma pequena proporção, enviando ou levando o restante para a cidade de origem, o que impacta de maneira positiva a economia da região, conforme salientado adiante, nas entrevistas realizadas em Pedra Branca (Figura 3).

4.3 - Síntese das Entrevistas Realizadas em Leme

Foram realizadas quatro visitas à Leme, cidade-alvo da pesquisa. Relata-se, a seguir, as principais informações colhidas nas entrevistas.

Conforme informação do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Leme, existiam cerca de 5.000 a 6.000 migrantes vivendo na cidade, na safra 2007/08, em função do corte de cana nas usinas da região. Dentre estes, alguns continuam viajando todos os anos para a cidade de origem. Porém, parte deles já fixou residência em Leme.

Não há consenso sobre o impacto dos trabalhadores migrantes sobre o município. O secretário municipal de Saúde e a fiscal de Saúde do município afirmaram que há indicativos de que a presença destes migrantes congestiona o funcionamento do Sistema Público de Saúde (SUS).

O SUS de Leme atende os trabalhadores de duas usinas de Iracemápolis, duas de Araras, uma de Santa Rita do Passa Quatro e uma única localizada na cidade de Leme. Conforme o secretário municipal de Saúde, as usinas contribuem com o ICMS das cidades nas quais estão localizadas, mas os trabalhadores utilizam o SUS em Leme por residirem nesta cidade. Além disso, os entrevistados afirmaram que, além dos próprios trabalhadores, eles também trazem a família para receber atendimento no SUS, pois nas suas regiões de origem o sistema público de saúde é precário.

Os representantes da Associação Comercial também consideram que os migrantes acarretam impacto negativo sobre os indicadores sócio-econômicos da cidade. Acreditam que a mecanização será bastante favorável para as usinas e para a cidade também pois, em termos de consumo, acham que estes trabalhadores representam muito pouco para a cidade, além dos problemas relacionados à inadimplência nas lojas em que fazem compras.

Por outro lado, os gerentes comerciais das lojas que foram entrevistados afirmaram que estes trabalhadores representam cerca de 30% a 35% das vendas de suas lojas na cidade, de modo que quando acabar o corte manual de cana-de-açúcar no Estado, o comércio local poderá ser impactado negativamente. Costumam pagar à vista e, mesmo considerando-se a inadimplência dos que fazem o crediário, se estes trabalhadores deixarem de vir, conjecturam que haverá efeitos negativos no comércio.

O delegado de polícia também não vê impacto negativo na presença dos migrantes na cidade. Afirmou que existe uma tendência de aumento da criminalidade, pois a cidade está crescendo e não apresenta a infraestrutura necessária para suportar a grande quantidade de pessoas, mas não considera que este aumento seja decorrente da presença dos migrantes. Em relação ao número de crimes, acredita que, na comparação com outros municípios de mesmo porte, em Leme é maior o número de homicídios; porém, não há como afirmar que isto seja consequência direta da migração. Com relação a

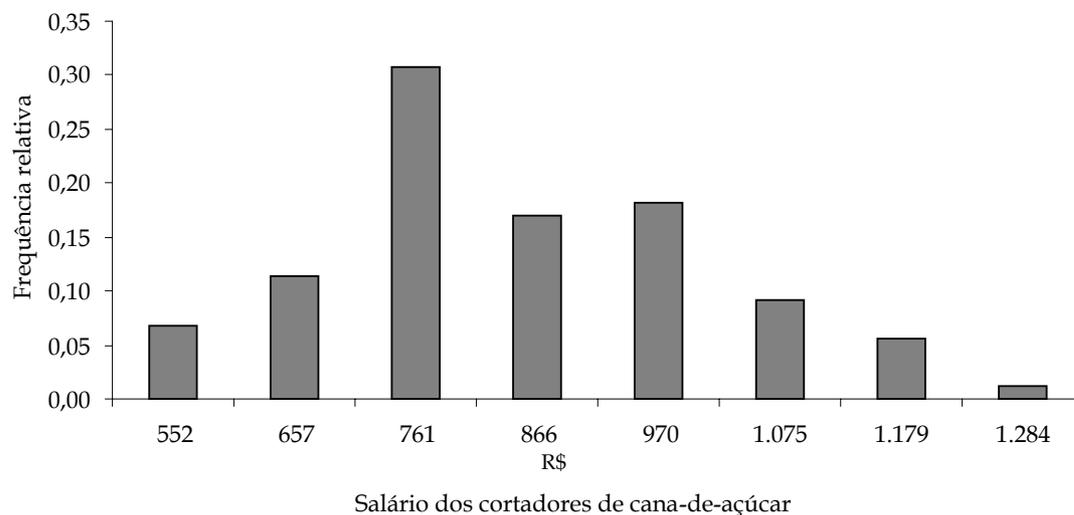


Figura 2 - Frequência Relativa dos Salários Recebidos pelos Cortadores de Cana, Estado de São Paulo, 2007.
Fonte: Dados da pesquisa.

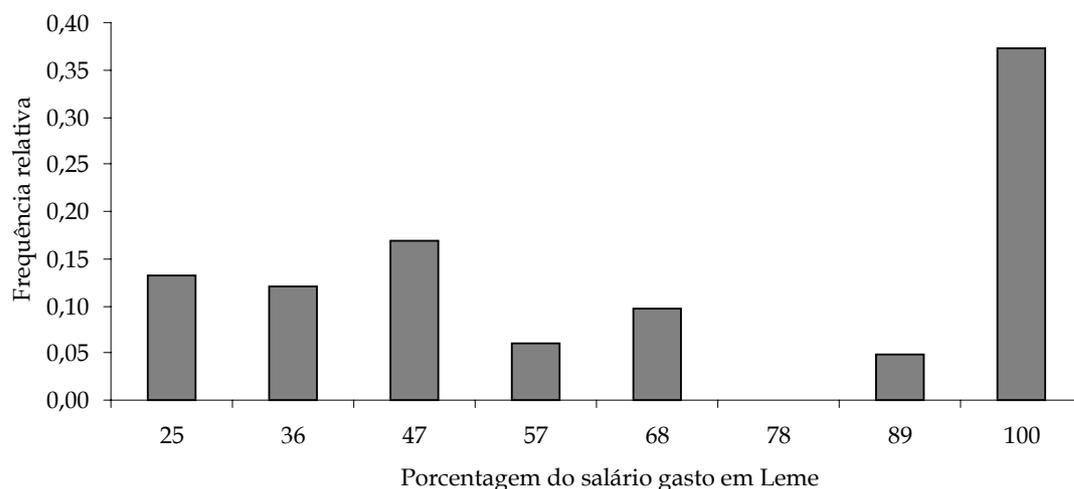


Figura 3 - Frequência Relativa da Porcentagem do Salário dos Trabalhadores Gasto em Leme, Estado de São Paulo, 2007.
Fonte: Dados da pesquisa.

outros problemas, tais como furtos, roubos, envolvimento com drogas etc., declara que Leme segue o padrão de outras cidades de mesmo porte e que os trabalhadores migrantes se envolvem da mesma forma que os cidadãos de Leme, ou seja, não devem ser responsabilizados por isto.

O representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Leme afirmou que os migrantes vêm por livre e espontânea vontade, em busca de emprego e melhores condições de vida. Acrescen-

tu ainda que cerca de 20% dos migrantes (aproximadamente 1.300 trabalhadores) já se estabeleceram e fixaram residência em Leme. O restante (aproximadamente 4.000 trabalhadores) vem todo ano e volta para a cidade de origem quando acaba a safra. Ao chegarem, alguns ficam em pensões, outros em casas de parentes, outros alugam casas (em geral não fazem através de imobiliárias). Alguns, pelo fato de virem todos os anos, já têm lugar para ficar.

Acredita que existirá um grande impacto negativo no comércio após a mecanização, se os trabalhadores deixarem de vir. Nos supermercados da periferia, considera provável que as vendas caiam até 60%, como tem acontecido na entressafra.

Os trabalhadores estão recebendo informações sobre as novas tendências de proibição da queima, mecanização e, conseqüentemente, desemprego no corte da cana-de-açúcar. A partir desta realidade, o sindicalista salienta que existe um programa da prefeitura de Leme visando a alfabetização destes trabalhadores.

Ainda conforme o entrevistado, os migrantes que vêm e ficam acabam se naturalizando, como é o seu caso que veio da Bahia para trabalhar no corte da cana e, após a greve de 1986 na qual liderou o movimento, se tornou o presidente do sindicato.

O secretário da Agricultura e a engenheira agrônoma da secretaria da agricultura acreditam que, no caso da mecanização da colheita, os trabalhadores migrantes deixarão de vir e o principal motivo de preocupação deverá ser aqueles que já se fixaram aqui e não pretendem voltar para a cidade de origem. Creem também que na região não há problemas com relação ao pagamento dos trabalhadores, nem com trabalho escravo, bem como não existem mais problemas com os "gatos". Alguns trabalhadores vivem em repúblicas e outros em casas de parentes.

Observa-se, portanto, que enquanto o secretário da Saúde e o da Associação Comercial acreditam que a redução dos migrantes, decorrente do aumento da mecanização, irá trazer benefícios, os outros agentes entrevistados presumem um impacto negativo para a cidade.

4.4 - Síntese da Viagem e das Entrevistas Realizadas em Pedra Branca

Em março de 2008 foi realizada uma viagem ao município de Pedra Branca, localizado no interior do Estado do Ceará, uma das principais cidades de origem dos migrantes que vêm para Leme.

O objetivo da viagem foi conhecer a região de origem dos trabalhadores rurais, identificar a importância da renda destes trabalhadores na cidade e analisar quais serão os impactos do fim do corte manual de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo sobre o referido município.

Diversas pessoas foram entrevistadas: assessores dos secretários municipais de saúde, de educação, de assistência social, da agricultura e do desenvolvimento econômico. Além disso, conversou-se com alguns cortadores de cana que costumam migrar para o Estado de São Paulo durante a safra de cana e também com alguns lojistas, como o gerente da revendedora de motos e os gerentes de algumas lojas de móveis e eletrodomésticos.

É interessante observar que a renda dos cortadores de cana que migram para o Estado de São Paulo é comparativamente mais alta que a dos trabalhadores locais, assim como aqueles moram em residências melhores, dotadas de aparelhos eletro-eletrônicos, eletrodomésticos, e ainda possuem motos, o que criou um incentivo à migração para trabalhar na safra de cana-de-açúcar. Os cortadores, ao voltarem, adquirem *status* mais elevado em relação aos demais moradores desta cidade e são conhecidos como *CDC* (cortadores de cana) ou "lemeiros" (cortadores de Leme).

Foi possível perceber que o corte de cana em São Paulo representa atualmente uma das únicas alternativas de geração de renda para os moradores de Pedra Branca, visto que praticamente inexistem oportunidades de emprego naquela região. Somente cortando cana em São Paulo eles conseguem juntar dinheiro para adquirir objetos que desejam consumir, tais como: moto, televisão, DVD, antena parabólica etc. Além disso, o salário obtido com o corte da cana-de-açúcar também possibilita a aquisição da casa própria.

Não existe uma associação comercial em Pedra Branca, porém foram visitadas três lojas de porte relativamente grande do município: uma revendedora de motos (marca Honda) e duas lojas de móveis e eletrodomésticos.

O gerente da loja de motos afirmou que o

impacto destes trabalhadores sobre o comércio local é realmente significativo. As vendas de motos durante o ano variam de 10 a 15 unidades por mês e, na entressafra, quando os migrantes retornam para a cidade, as vendas sobem para 100 a 120 unidades por mês (de dezembro a fevereiro).

Alguns trabalhadores já trazem as motos de São Paulo. Outros preferem comprar em Pedra Branca. A moto nova se tornou uma espécie de troféu para os cortadores de cana. Aqueles que foram bem sucedidos no corte de cana-de-açúcar em São Paulo “devem” adquirir uma moto nova, o que atesta seu sucesso na execução da função a qual se propuseram. O gerente da Honda também confirmou que o movimento na cidade aumenta muito no final do ano e, junto ao movimento, aumentam as brigas, as confusões, os acidentes etc.

Quanto ao comércio de móveis e eletrodomésticos, este também é significativamente impactado pelos trabalhadores migrantes. Os lojistas afirmaram que alguns trabalhadores preferem comprar os produtos em Pedra Branca e outros já os trazem de São Paulo, mas, mesmo assim, o movimento na cidade é grande. Em resumo, o comércio local é significativamente movimentado pela renda destes trabalhadores, de modo que os entrevistados acreditam que a cidade será afetada negativamente com o fim do corte manual de cana em São Paulo.

De acordo com a funcionária da Secretaria do Trabalho e Assistência Social, responsável pelo programa de seguro desemprego da cidade, a maioria dos trabalhadores que migra para o Estado de São Paulo tem contrato com carteira assinada. As únicas opções em Pedra Branca seriam trabalhar na prefeitura (mas não tem emprego para todos) ou na agricultura de subsistência (a grande maioria). Dessa forma, são poucos os que têm carteira assinada no município de origem. Isso se torna importante porque somente os que trabalham com carteira assinada têm direito a receber o seguro desemprego e, portanto, as pessoas que procuram a secretaria para dar entrada com os papéis para solicitar este seguro são predominantemente os trabalhadores migrantes que vão cortar cana em São Paulo, em sua maioria com

idade entre 19 e 25 anos.

O representante da Secretaria do Desenvolvimento entrevistado, também encarregado de todas as obras civis na cidade, acredita que o fim do corte da cana será muito ruim para o município de Pedra Branca, pois o dinheiro recebido pela atividade em São Paulo é o principal responsável pelo desenvolvimento econômico da região.

No final do ano, período de entressafra da cana em São Paulo, o comércio é muito movimentado pois a entrada de recursos monetários em Pedra Branca aumenta, tanto pelo salário recebido pelos cortadores em São Paulo, quanto pelo seguro desemprego que os migrantes recebem durante a entressafra em Pedra Branca.

Foram entrevistados alguns cortadores de cana migrantes que estavam em Pedra Branca. Segundo estes trabalhadores, o serviço é árduo (“bem pesado”), mas declararam-se satisfeitos, pois alegam que esta é a única forma de ganhar dinheiro para poder adquirir bens materiais.

Também afirmaram que se o município oferecesse condições de emprego e se algumas indústrias fossem trazidas para a região, não voltariam mais para o corte da cana em São Paulo. Disseram ainda que, atualmente, muitos trabalhadores estão tentando migrar para o Estado do Mato Grosso do Sul, pois alguns cortadores de cana que trabalharam na safra no referido Estado informaram que as condições de trabalho lá estão melhores.

Entretanto, algumas das pessoas entrevistadas, como é o caso do representante da Secretaria da Saúde, consideram que o fim do corte da cana-de-açúcar em São Paulo, num primeiro momento, será muito negativo para estas pessoas; porém, com o passar do tempo, será melhor para o município. O entrevistado acredita que os jovens que migram para São Paulo voltam com uma cultura diferente, mais violenta, passam a conhecer o tráfico de drogas, se tornam muito ambiciosos, arrogantes, dentre outras características negativas.

Segundo o representante da Secretaria da Saúde, o fato de ir para o corte da cana em São Paulo confere *status* diferenciado para os rapazes, princi-

palmente entre as meninas. No final do ano, quando eles chegam, a praça da cidade fica lotada, cheia de motos novas estacionadas ao redor. Eles bebem, fazem festas, se envolvem em brigas. Por permanecerem no período da entressafra vivendo do seguro desemprego, quando estão em Pedra Branca não trabalham, ficam ociosos e geram confusões e brigas.

Além disso, perderam todo o interesse na agricultura local e nas atividades que poderiam ser desenvolvidas na região de Pedra Branca, tanto para sobrevivência quanto para auferir renda. Segundo os depoimentos, existe mercado para produtos agrícolas, a exemplo do mel, e para produtos de artesanato, confecções etc. Porém, ninguém se interessa por desenvolver estas atividades. Desta forma, acreditam que, com o tempo, se a população se desprender deste “costume” de migrar para São Paulo e passar a se interessar mais pela região, a cidade poderia se desenvolver mais e a população poderia viver bem.

Porém, apesar das opiniões anteriormente citadas, argumenta-se que, para a migração deixar de ocorrer, são necessários esforços públicos e privados para criar empregos na cidade que gerem renda semelhante às do corte da cana-de-açúcar, de modo a atrair os jovens trabalhadores.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo central analisar a dinâmica da migração dos trabalhadores da cana-de-açúcar para o Estado de São Paulo. Foram escolhidas como foco de análise as cidades de Leme, Estado de São Paulo, e Pedra Branca, Estado do Ceará, caracterizadas como cidade dormitório e cidade de origem dos trabalhadores, respectivamente.

Verificou-se que o PIB *per capita* de Leme é, aproximadamente, 2,7 vezes o de Pedra Branca e a existência de oferta de trabalho no corte da cana-de-açúcar na região são atrativos para os migrantes.

Foram identificados alguns indicadores sócio-econômicos dos trabalhadores migrantes que executam suas atividades em uma usina de açúcar e álcool da região de Leme. Verificou-se que parcela conside-

rável (37%) dos trabalhadores migrantes da usina já fixaram residência em Leme e os demais migram todo ano para a colheita da cana, retornando para a região de origem na entressafra.

A faixa etária média dos trabalhadores é de 30 anos. Ressalta-se a baixa escolaridade informada pelos cortadores entrevistados, havendo 17% de empregados analfabetos e mais 33% que têm entre um e três anos de estudo, o que pode indicar serem analfabetos funcionais. Estas duas categorias perfazem 50% do total de trabalhadores entrevistados, indicando dificuldade de recolocação destes num cenário de mecanização da colheita que exige outro perfil de trabalhador, com nível de escolaridade mais elevado e treinamento específico.

Em relação às condições de vida na cidade de origem, a grande maioria vive na zona rural, morando com a família em pequenas casas. Em relação às condições das casas na região de origem, aproximadamente metade dos entrevistados declarou ter banheiro dentro da casa e os demais têm banheiro fora ou não o tem. Quanto ao saneamento básico, apenas 17% mencionaram ter a rede coletora de esgotos. Os demais têm fossa ou não tem instrumentos de esgotamento sanitário disponíveis.

Quanto às condições de abastecimento de água, apenas 41% declararam ter água encanada. Os demais tinham o fornecimento de água proveniente de açude, à base de cisternas ou poço.

É importante ressaltar que, no que diz respeito ao mercado de trabalho na cidade de origem, 51% dos entrevistados disseram que não tinham emprego nela e, dentre os 49% que o tinham, apenas 7% tinham carteira assinada, o que indica falta de emprego e alto índice de informalidade dos empregados entrevistados nas regiões de origem.

O principal motivo alegado para a migração é a falta de emprego na cidade natal. Dentre os que já fixaram residência em Leme, 54% pretendem continuar no Estado de São Paulo quando a colheita for mecanizada. No caso dos que ainda não a fixaram em Leme, 38% responderam que irão continuar vindo (mesmo após a mecanização), por não haver emprego nas regiões de origem.

A média salarial dos cortadores de cana entrevistados na safra 2007/08 foi de R\$850,00. Quanto à proporção do salário que os migrantes gastam em Leme, 37% afirmaram despendar 100% do salário no local. Os demais enviam ou levam proporções variadas dos salários para a cidade de origem.

Quanto à percepção dos representantes dos cidadãos de Leme sobre os impactos destes trabalhadores na região, verificou-se que não há consenso, havendo os que acreditam que eles contribuam positivamente para o comércio da região (grandes lojas de eletrodomésticos, mercearias e outros pontos de vendas de alimentos localizados nos bairros em que eles moram). Para estes, a mecanização e consequente redução dos migrantes acarretará queda de, aproximadamente, 35% das vendas no comércio local.

Por outro lado, há os que consideram que a presença dos migrantes tem mais pontos negativos do que positivos, como é o caso do secretário municipal de Saúde, que credita a superlotação do sistema de saúde e consequente queda da qualidade no atendimento à presença destes trabalhadores. Ainda sob essa perspectiva, alguns alegam que o aumento de furtos e criminalidade deve-se à presença dos migrantes, fato contestado pelo delegado municipal que acredita serem esses acontecimentos decorrentes do crescimento urbano como um todo e não devido à presença dos cortadores de cana-de-açúcar.

Por outro lado, ficou evidente a importância da renda dos cortadores de cana-de-açúcar para a cidade de Pedra Branca, origem de muitos migrantes de Leme. A viagem a Pedra Branca, bem como diversas manifestações das pessoas entrevistadas na região, comprovaram a alegação dos cortadores entrevistados sobre a ausência de oportunidades de emprego na região. A existência de uma única empresa (tecelagem) que demanda pequena proporção de trabalhadores, juntamente com a agricultura de subsistência, não gera trabalho e renda para a população jovem que vem para o corte de cana em busca de melhores oportunidades.

A aquisição de muitos bens materiais e até a casa própria comprados com os salários ganhos no

corte da cana-de-açúcar em São Paulo conferem aos cortadores um *status* privilegiado na região de origem, visto que estes têm uma situação econômica melhor que os demais empregados da cidade, juntamente com o diferencial da carteira assinada.

Os comerciantes locais creditam grande parte da renda gerada na cidade de Pedra Branca aos gastos dos cortadores de cana-de-açúcar e entendem que a mecanização da colheita, e consequente redução da demanda pelos empregados de Pedra Branca, terá um efeito negativo para o comércio da cidade.

Por outro lado, os assessores dos secretários municipais de Saúde e da Educação, que são contrários à migração, afirmaram acreditar que, num primeiro momento, o impacto da mecanização será bastante negativo para a população de Pedra Branca, já que esta é a única forma que eles têm de receber dinheiro. Porém, no futuro, o impacto será mais positivo.

Contudo, parece claro que a falta de opção de emprego e de outras oportunidades na região são os principais motivos do fenômeno da migração para Leme. Para que este processo fosse reduzido, seria necessário a existência de atividades que absorvessem este contingente de mão-de-obra.

Considerando-se a falta de políticas públicas na cidade de origem e a baixa escolaridade dos trabalhadores migrantes, enfatiza-se que a questão da migração dificilmente será solucionada sem a criação de oportunidades para os jovens das regiões mais pobres do País.

LITERATURA CITADA

ALVES, F. Migração de trabalhadores rurais no Maranhão e Piauí para o corte de cana em São Paulo: será esse um fenômeno casual ou recorrente da estratégia empresarial do complexo agroindustrial canavieiro? In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). **Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)**. São Carlos: EDUFSCAR, 2007. p. 21-54.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 590 p.

FERREIRA, M. Rede de cidades em Minas Gerais a partir da realocação da indústria paulista. **Nova Economia**, Belo Horizonte, edição especial, 1996.

HARRIS, J. R.; TODARO, M. P. Migration, unemployment and development: a two-sector analysis. **American Economic Review**, Pittsburgh, v. LX, n. 1, mar. 1970.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 2 dez. 2007a.

_____. **Produção Agrícola Municipal**: culturas permanentes e temporárias. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2 dez. 2007b.

MENEZES, M. A.; SATURNINO, M. As migrações sazonais do sertão paraibano para as usinas canavieiras de São Paulo. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). **Migrantes**: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os

heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EDUFSCAR, 2007. p. 233-256.

MORAES, M. A. F. D. O mercado de trabalho da agro-indústria canavieira: desafios e oportunidades. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 11, n. 4, out./dez. 2007.

RAMOS, C. A.; ARAÚJO, H. **Fluxos migratórios, desemprego e diferenciais de renda**. Rio de Janeiro: IPEA, jul. 1999. (Texto para Discussão, n. 657).

SAHOTA, G. S. An economic analysis of internal migration in Brazil. **Journal of Political Economy**, Chicago, v. 76, n. 2, 1968.

SILVA, M. A. M. Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de álcool”. In: NOVAES, J. R.; ALVES, F. (Org.). **Migrantes**: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EDUFSCAR, 2007. p. 55-86.

Recebido em 28/04/2009. Liberado para publicação em 18/08/2009.